

30 de Julho de 2020

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem



MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
Minas e Energia

EM ENTREVISTA, VIDIGAL FALOU SOBRE O PROGRAMA MINERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

“A mineração pode ser a grande mola propulsora para a retomada da economia do País”

“A mineração pode ser a grande mola propulsora para a retomada da economia do País”, afirmou o secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia, Alexandre Vidigal de Oliveira, em entrevista concedida ontem, 23, à Revista Brasil Mineral. Durante uma hora de conversa, Vidigal falou sobre os planos e metas do Programa Mineração e Desenvolvimento (PMD), previsto para ser lançado em agosto próximo.

De acordo com o secretário, o PMD, que vem sendo trabalhado desde o ano passado e que está sendo apresentado aos diversos agentes, tanto do setor público como do setor privado e que atuam ou têm interesse pela mineração, é um compromisso e uma agenda do governo com o setor. “O objetivo é impulsionar o desenvolvimento do setor mineral brasileiro”, disse Vidigal, ao falar do programa, que contempla 108 metas bem determinadas e ações em dez áreas de concentração temática para a mineração para o período de 2020 a 2023. “A mineração precisa receber alguns impulsos e o governo está trabalhando em função disso”, declarou o secretário, que ao longo da entrevista também falou sobre ampliação do conhecimento geológico, linhas de crédito para o setor, mineração em áreas de fronteiras e reservas indígenas, agilização de outorgas de novas áreas para exploração mineral, título minerário como garantia e atração de investimentos, combate às práticas ilegais e mineração sustentável.

O PMD contempla questões referentes à economia mineral, sustentabilidade, conhecimento geológico, aproveitamento mineral em novas áreas, investimentos e financiamentos para o setor mineral, tecnologia e inovação mineral, governança, gestão e eficiência, enfrentamento à mineração ilícita e imagem da mineração. O programa também inclui assuntos relacionados à expansão de áreas sujeitas à atividade mineral; aumento da produção e as receitas provenientes dessa atividade; elevação do grau de sustentabilidade do setor, além de estruturar profusão de dados oficiais sobre a mineração brasileira.

Segundo Vidigal, o programa também busca aumentar a segurança jurídica, de modo a atrair investimentos, inclusive, do exterior, para projetos nessa área, e consolidar a mineração como parceiro do desenvolvimento sócio-econômico-ambiental, principalmente nos municípios mineradores e nas regiões do entorno.

Fonte: MME

Data: 24/07/2020



A CBMM, A JOIA DA COROA DOS MOREIRA SALLES, “CORRE CONTRA O TEMPO”

Até o início de 2021, a empresa, maior produtora de nióbio do mundo, pretende emplacar uma bateria que usa óxido de nióbio em veículos elétricos e entrar em um mercado bilionário. Eduardo Ribeiro, o CEO da empresa, conta os detalhes ao NeoFeed

A Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) é, sem dúvida, uma das joias da coroa da família Moreira Salles, que também é acionista de colossos como o Itaú Unibanco e a Alpargatas.

Dona de 80% do mercado mundial de nióbio, um material fundamental para dar liga e resistência ao aço, a empresa apresentou um faturamento líquido de R\$ 8,6 bilhões e um lucro líquido de R\$ 2,9 bilhões em 2019. E é praticamente assim, quase todo ano. Em 2018, o lucro líquido foi de R\$ 2,8 bilhões.

São números que garantem, no mínimo, uma tranquilidade para seus acionistas. Os Moreira Salles têm 70% da empresa (os outros 30% foram vendidos para dois consórcios, um japonês e coreano e outro chinês, em 2011, por US\$ 3,9 bilhões). E essa participação vale, por baixo, mais de US\$ 9 bilhões. Sem contar que a CBMM ainda tem reservas de nióbio para os próximos 200 anos.

Seria o suficiente para seus executivos relaxarem em berço esplêndido. Mas, ao contrário do que se imagina, a companhia está correndo contra o tempo. E a data estipulada para a linha de chegada é 2021.

A corrida da empresa é para testar e validar uma bateria para carros elétricos que está sendo desenvolvida em parceria com a japonesa Toshiba. “Estamos correndo contra o tempo para não perder a janela de oportunidade”, diz Eduardo Ribeiro, presidente da CBMM, ao NeoFeed.

A oportunidade a que ele se refere é aprovar as baterias para equipar carros de montadoras japonesas com as quais a CBMM e a Toshiba vêm conversando, como Suzuki, Nissan e Toyota. As montadoras têm de fazer testes para colocar em produção.

Se aprovadas, essas baterias poderiam ser usadas comercialmente a partir de 2023 e garantir vendas anuais de mais algumas milhares de toneladas de nióbio para a CBMM. “O nosso negócio é aumentar continuamente o tamanho desse mercado de nióbio”, diz Ribeiro. As baterias para carros elétricos são cruciais nesse processo.

Nos próximos dez anos, a aplicação de nióbio em baterias pode significar até 40% de todas as vendas da companhia – no ano passado, por exemplo, foram 93 mil toneladas comercializadas. A números atuais, o negócio de baterias elétricas representaria um faturamento adicional de R\$ 3,4 bilhões.

Para entender onde e como a CBMM entraria nesse negócio de baterias, o executivo explica como elas funcionam e a alternativa que está sendo trazida à mesa pela japonesa Toshiba e pela companhia mineira com sede em Araxá.

“Nas baterias de lítio, você tem os eletrodos: o catodo e o anodo. E tem o movimento tanto dos elétrons como dos íons, de um lado para o outro, quando carregam e quando estão sendo usadas. O que a CBMM está propondo é substituir o anodo a base de grafite por uma composição de óxido de nióbio com óxido de titânio”, explica Ribeiro.

Mas, afinal, por que as montadoras trocariam as baterias usadas atualmente por esse modelo? Segundo o executivo, quando uma bateria é carregada rapidamente, há o risco de um superaquecimento e de o carro até explodir. A Tesla, de Elon Musk, já teve alguns problemas como esse. Mas conseguiu, ao longo do tempo, aperfeiçoar as peças que equipam seus carros.

Ribeiro defende que as baterias com óxido de nióbio e óxido de titânio seriam mais estáveis. E, além disso, garantiriam uma recarga muito mais rápida. Enquanto hoje leva-se cerca de 4 horas para carregar uma bateria tradicional, as de óxido de nióbio levariam apenas seis minutos.

Isso permitiria produzir carros mais leves. Motivo: com a recarga mais rápida, não seriam necessárias tantas baterias para garantir mais autonomia. “Em vez de carros com autonomia de 600 km, poderiam ser feitos com autonomia de 300 km”, diz Ribeiro. O peso embarcado, diz o executivo, cairia de 500 kg para 250 kg.

“Esse é um ponto que pode mudar a indústria de veículos elétricos no mundo. É um baita ganho para o desenvolvimento desse segmento”, diz Milad Kalume Neto, gerente de desenvolvimento de negócios da Jato do Brasil. E prossegue. “A falta de infraestrutura e o tempo de recarga ainda são entraves para os carros elétricos”, afirma.

De acordo com dados da OICA, a entidade internacional que reúne as fabricantes de veículos em todo o mundo, no ano passado foram vendidos 91,3 milhões de veículos (incluindo caminhões e ônibus). Estima-se que, em 2030, entre 30% e 40% dos veículos vendidos por ano no mundo serão elétricos. Ou seja, há muito espaço para crescer.

Todas as montadoras, de Volkswagen a BMW, de Ford a novatas como a Fisker, contam com projetos de veículos elétricos em direção a uma matriz renovável e limpa. Além disso, os governos estão se mexendo para apoiar esse movimento. Onze países europeus já se pronunciaram dizendo que pretendem banir os motores a combustão até 2030.

O consultor Paulo Roberto Garbossa, diretor da consultoria ADK Automotive, afirma, entretanto, que o grande problema a ser resolvido pelo mercado é o preço das baterias. “Ainda são muito caras”, diz Garbossa. E, neste ponto, a CBMM perde. Afinal, o modelo proposto pela empresa é, em média, 15% mais caro do que o que está no mercado. “Mas com escala isso pode ser reduzido”, afirma Ribeiro.

Todo um trabalho de marca já está sendo feito. Para estar cada vez mais ligada a esse movimento, a empresa é uma das patrocinadoras da Fórmula-E, a competição automobilística de carros elétricos, uma espécie de Fórmula-1 plugada na eletricidade, com a marca “niobium”. E tem buscado firmar parcerias estratégicas.

A CBMM tem conversado com a equipe McLaren, que fornece as baterias para as equipes, para fazer testes com a bateria de óxido de nióbio. Em paralelo, também tem costurado uma parceria com a ABB para testar essas baterias em ônibus.

O mercado de nióbio

Essa estratégia de correr para fazer o mercado de nióbio crescer não é nova. Desde a década de 1960, a companhia atua dessa maneira. Naquela época, o mercado era de 1 mil toneladas e hoje está na casa de 120 mil toneladas anuais.

No mundo, existem mais de 100 depósitos contendo nióbio, mas que não estão operando. E existem, atualmente, só quatro produtores. “Crescemos o tamanho do mercado desenvolvendo aplicações com os nossos clientes”, diz Ribeiro. Ele afirma que o mercado potencial é pequeno em relação a novos entrantes.

Justamente por isso, as ações da CBMM são vistas como uma estratégia de defesa. “O nosso dever é aumentar o mercado de nióbio para que não haja uma superoferta e destrua o negócio.” Os investimentos em inovação, da ordem de R\$ 200 milhões por ano, têm sido feitos nesse sentido.

E é preciso, de fato, aumentar o mercado cada vez mais. Para se ter uma ideia, usa-se, em média, 100 gramas de nióbio para cada tonelada de aço. Cada quilo de ferronióbio (uma liga de ferro com nióbio) é vendido no mercado por preços que variam entre US\$ 24 e US\$ 27. Já o óxido de nióbio seria vendido entre US\$ 36 e US\$ 38.

Para estar preparada para esse salto, a CBMM vai finalizar no começo do ano que vem investimentos de R\$ 3 bilhões para aumentar a capacidade de produção para 150 mil toneladas por ano. A obra, que teve início em 2012, seria concluída neste ano, mas foi alongada por conta da Covid e deve ser finalizada em 2021.

O ano de 2019 foi o ano em que a companhia bateu recordes. Produziu 110 mil toneladas de ferro nióbio equivalente e vendeu cerca de 93 mil toneladas. Em 2020, os números totais devem ser 20% menores porque o coronavírus impactou em setores cruciais para a companhia, como o automobilístico, óleo e gás e infraestrutura.

Mas, por exportar 96% de sua produção para mais de 50 países, a empresa está vendo cada mercado se comportar de uma maneira diferente da outra. “A China se recuperou muito rápido”, diz Ribeiro. E prossegue. “Vendemos mais neste semestre para os chineses do que no mesmo semestre do ano passado.”

É quase um empate técnico, uma vez que o crescimento anotado no país de Xi Jinping foi de 1%. Mas chama a atenção crescer em um cenário de economia devastada no mundo inteiro. “A China, em média, representa 40% dos negócios da CBMM, mas, neste ano, já responde por 45%”, afirma Ribeiro.

Na Europa, que é o segundo maior mercado da empresa, onde o nióbio é muito usado para fazer superligas para a indústria aeroespacial, as vendas caíram 50%. O mesmo cenário é visto no Japão e na Coreia do Sul, outros grandes mercados consumidores.

Diversificação da companhia

Até 2017, o único produto vendido pela empresa era nióbio. Mas o conselho, presidido por Pedro Moreira Salles, fez uma provocação. “Eles disseram: ‘essa é uma empresa que gera caixa, que está acostumada a investir em tecnologia, gostaríamos que novos negócios fossem analisados’”, diz Ribeiro.

O escolhido foi o grafeno, justamente por ter sinergia com o nióbio. Junto com o óxido de nióbio, o grafeno pode melhorar o desempenho de uma bateria. Depois de um ano de discussões, a CBMM comprou 25% da 2DM, startup especializada em grafeno, uma spin-off da universidade de Cingapura, por US\$ 2,5 milhões.

Caso o investimento se mostre lucrativo e estratégico, a companhia pode ainda aumentar a sua fatia na startup. Ao que parece, entretanto, foi uma aposta certa. A primeira entrega de grafeno foi feita no mês de junho, no meio da pandemia. Foram mais de 100 kg de grafeno vendidos.

Ribeiro não revela quem é o comprador, mas está animado com o novo negócio. Quem deve ficar feliz com a notícia é o presidente Jair Bolsonaro, que virou uma espécie de garoto-propaganda do nióbio e do grafeno por onde passa.

Em junho do ano passado, quando esteve em uma conferência do G20, realizada no Japão, Bolsonaro fez uma live no Facebook um dia antes do encontro e mostrou bijuterias feitas com nióbio. Nela, defendeu a criação de uma espécie de “Vale do Nióbio” numa alusão ao famoso Vale do Silício, o berço das empresas de tecnologia na Califórnia, nos Estados Unidos.

O namoro do presidente com o nióbio e o grafeno são antigos. Em sua campanha à presidência, ele já falava sobre isso. No seu plano de governo, já constava isso. “O Brasil deverá ser um centro mundial de pesquisa e desenvolvimento em grafeno e nióbio, gerando novas aplicações e produtos”. O Brasil pode não ter caminhado muito nessa área, mas a CBMM continua acelerando.

Fonte: Brasil Mining Site

Autor: Carlos Sambrana

Data: 29/07/2020

AUSTRALIAN MINERS FLAG PRICE VOLATILITY AS MAJOR CONCERN

The Australian mining sector is at a 'transition point' with concerns over commodity price volatility expected to be amplified, according to KPMG's *Australian Mining Risk Forecast 2020/21*.

Climate change, natural disasters and commodity price risks were listed as key concerns by 46 per cent of mining executives surveyed in Australia.

According to KPMG partner and mining risk specialist Caron Sugars, the main theme of Australia's mining risk forecast is 'transition'.

"The Australian mining sector now finds itself at a transition point," she said

"Miners must closely monitor and manage the ongoing health crisis presented by COVID-19 but mining executives must also continue their focus on the medium to long term."

Australian mining companies also concerned about impacts of the COVID-19 pandemic on the physical and mental health of the mining workforce and mining communities, while understanding the requirement to manage cyber risks with more people working remotely.

Nonetheless, according to Sugars, 85 per cent of respondents viewed technology disruption as an opportunity rather than a threat, making it the second most important strategy for growth after organic growth.

"The risks created by the global COVID-19 pandemic have been broad and varied," Sugars said.

"For Australia, our *Mining Risk Forecast* shows that most obviously there has been the impact on the physical and mental health of the mining workforce and mining communities. There have also been challenges in managing mining sector supplier and liquidity risk."

KPMG conducted its global mining risks survey in January this year, before the COVID-19 pandemic became a global threat, however the report indicated that other less-immediate risks in the medium to long term will persist and potentially grow.

According to Sugars, addressing climate change — even during the COVID-19 pandemic — would encourage some commodities such as copper and battery minerals to have increased demand, however the industry must prepare for uncertainties around the climate change risk.

KPMG global and Australian mining sector leader Trevor Hart said amplified price risk and volatility; digital transformation; new ways to work; and increased focus on social value, and environmental, social and corporate governance (ESG) are the primary focusses for both the Australian and global mining sectors.

"We believe commodity prices will be volatile for the foreseeable future as COVID and Geopolitical impacts reverberate through global commodity demand and supply," he said.

"COVID-19 has demonstrated the value of operational agility and accurate real time information for leaders. This is also about addressing supply chain risk to ensure security of supply. We have seen that ability in the quick response of miners in managing potential choke points and building optionality across the chain."

Hart said COVID-19 represents immediate risk management, but other risks will "continue to persist and even amplify" in the medium to long term".

Fonte: Australian Mining

Data: 29/07/2020



THE OTHER REASON SILVER IS SOARING: DISRUPTIONS IN LATIN AMERICA

Silver's biggest monthly rally since 1979 has mainly been a story of strong demand. Investors are seeking shelter from pandemic turmoil and negative rates while industrial demand for the metal recovers in some parts of the world.

But here's another reason to be bullish on silver: Supplies are set to shrink too.

Peruvian and Mexican mines that make up almost 40% of world supply shut en masse earlier this year as the pandemic hit. While much of the industry is ramping back up, some mines have had to close again as Covid-19 cases surge. The Silver Institute now predicts a market deficit, albeit small, for the first time in five years.

The prospect of longer-lasting mine disruptions adds support to a metal that has surged more than 30% in the past month to be the best-performing major commodity. Like gold, silver is viewed as a haven but it also has wide industrial uses in products such as solar panels.

The Silver Institute now predicts a 13% decline in mined production from Latin America this year, with global supply set to shrink 7.2%, said executive director **Michael DiRienzo**. That's based on 67-million fewer ounces coming out of the region, which would be enough silver to make about 100-million solar panels.

Among a second wave of shutdowns are “some of the biggest silver producing mines in the world and it’s drastically reduced the expected silver output for this year,” said Paul Wiggers de Vries, senior analyst at CRU Group, who expects prices of the metal to keep rising.

CRU now sees silver mine supply falling about 4% this year compared with its pre-pandemic prediction of 4.5% growth, with Peruvian operations and projects most at risk.

Peruvian silver output should return to normal in the coming months, with the recovery slower than copper because much of it is done underground where social distancing is more challenging, according to Victor Gobitz, who heads both the Institute of Mining Engineers of Peru and Cia. de Minas Buenaventura SAA.

Exploration and project development may take longer to recover, putting future output at risk, **Wiggers de Vries** said.

While the highest silver prices in seven years give producers plenty of incentive to ramp back up, much of the metal is produced as a byproduct in copper, gold, zinc and lead mines. In the case of the latter two, prices have remained low.

“There are huge producers that aren’t really silver mines,” Wiggers de Vries said. “So, that kind of becomes one of the risks for silver supply going forward.”

The pandemic is likely to continue disrupting supply, according to Colin Hamilton, managing director for commodities research at BMO Capital Markets.

“We still have a high number of cases and that could lead to local lockdowns again,” Hamilton said.

Fonte: Mining Weekly

Data: 29/07/2020



VALE ESTENDE NEGOCIAÇÃO EXCLUSIVA PARA VENDA DE OPERAÇÃO NA NOVA CALEDÔNIA

A Vale e a New Century Resources prorrogaram o acordo de exclusividade da companhia australiana referente às negociações para a venda da participação da mineradora brasileira em operações de níquel e cobalto na Nova Caledônia.

As negociações, conduzidas pela Vale Canada, foram estendidas em 45 dias para a conclusão de estudos e análises (due diligence, no termo em inglês) da documentação da transação realizados pela New Century.

Por meio de comunicado, a Vale afirmou que vai provisionar "aproximadamente US\$ 500 milhões" quando a negociação for concluída e a documentação final da transação for assinada. O provisionamento, de acordo com a mineradora, é relativo à estrutura de financiamento do negócio, de cerca de US\$ 900 milhões.

Segundo a companhia, o financiamento inclui também "a renovação de uma linha já existente de 200 milhões de euros (US\$ 234,3 milhões) pelo Estado Francês e US\$ 200 milhões da New Century através de estrutura de dívida, financiamento de offtake e investimento estratégico de terceiros na Vale Nova Caledônia".

A negociação exclusiva com a New Century foi anunciada pela Vale no fim de maio passado. Segundo a mineradora brasileira, a transação faz parte do objetivo da empresa de "transformar o negócio de Metais Básicos, simplificando suas operações e permitindo o foco contínuo nos ativos core, além de honrar seu novo pacto com a sociedade, contribuindo para a manutenção de um ambiente sustentável para a continuidade das operações de forma segura".

A planta na Nova Caledônia teria custado cerca de US\$ 9 bilhões e é apontada como uma operação deficitária, que nunca deu o retorno do investimento.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 28/07/2020



MINING STOCK INDEX PASSES PRE-COVID-19 LEVELS

With many commodity prices recovering well and now exceeding pre-Covid-19 levels, mining company share prices have also recovered with some sizeable improvements, not just relative to the lows in mid-March, but also compared with the very start of 2020. GlobalData’s Mining Stock Index, which incorporates the share prices of 50 leading mining companies, rose to 278 on 22 July, the highest point since its inception on 4 January 2016, as well as being a 66% increase on the lowest point to date in 2020 (18 March) and above the previous peak on 16 January 2020.

However, there is a marked difference between the best and worst performing stocks so far this year as some commodity prices have recovered well, whilst others continue to struggle.

For example, prices of gold and iron ore have risen strongly since the start of the year. The former because of its position as a safe haven, with the price nearing \$1,900/oz, while for the latter supply disruptions and a recovery in Chinese steel making have helped push the price to \$107/t, some 15% higher than at the start of the year.

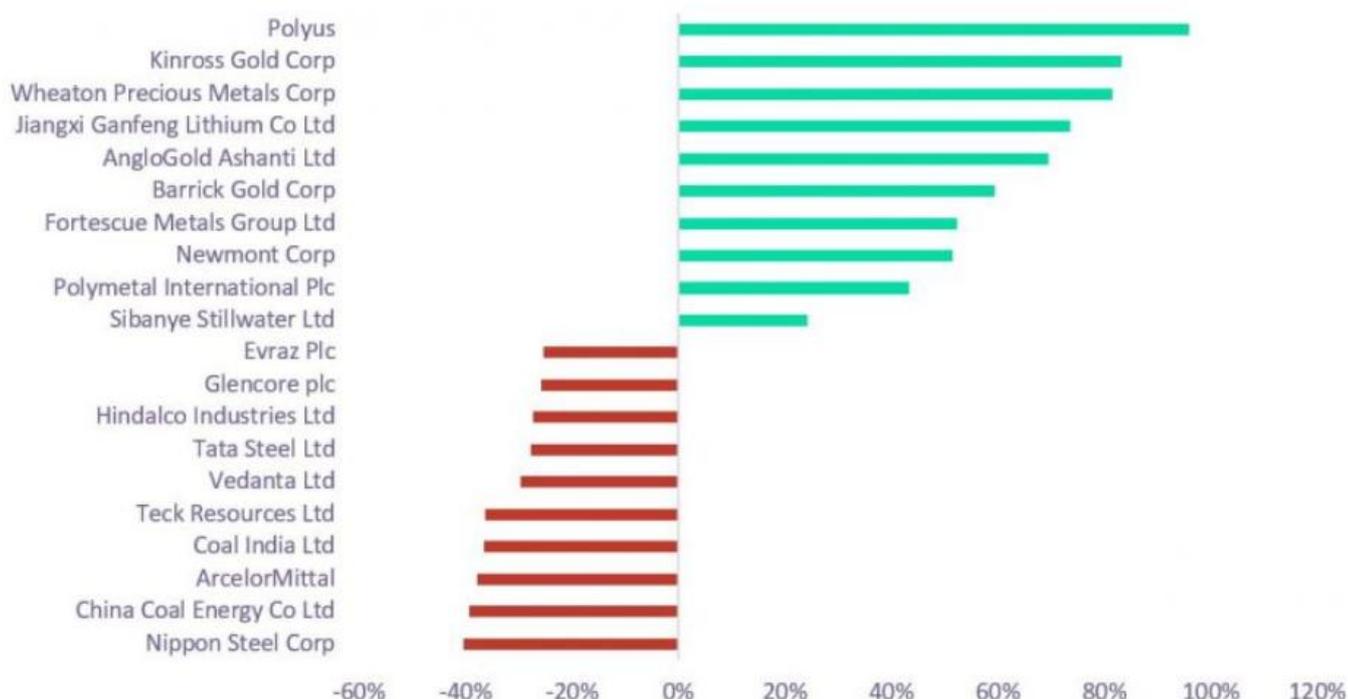
The copper price, which initially slumped by 27% between 16 January and 23 March, has since recovered and was \$6,454.5/t on 17 July, helped by government stimulus plans which will encourage construction activity and concerns over supplies from Chile, Peru and Mexico, where output has fallen because of suspensions and reduced workforces. In addition, the price of silver has risen from \$18.2/oz to over \$22/oz as of 24 July.

Meanwhile, the price of coking coal has tumbled from \$148/t in March to \$89/t in mid-July, and thermal coal was \$67.15/t on 17 July compared with \$76.26/t on 13 January, although it has improved from a low of \$59.73/t on 4 May.

As a result, the greatest improvements in share prices have been seen amongst the gold producers, such as Polyus and Kinross Gold, whose share prices were 96% and 83% higher on 22 July than on 2 January, respectively. Outside the gold producers, Fortescue Metals' share price rose by 52% over the same period, the highest rise of the other major iron ore producers, helped by its sole focus on the metal and operations in Australia, which has been far less impacted by the virus to date than many other countries.

Worst results have been seen amongst the coal and steel producers, including Nippon Steel (-40%), China Coal Energy (-39%), Arcelor Mittal (-38%) and Coal India (-36%). The diamond sector has also been hard hit, with ALROSA's share price down by 23% as at 22 July. The company's sales of rough diamonds were down by 92% y-o-y in Q2 2020 to 634k cts, and YTD sales were down 53% y-o-y.

Ten best and worst share price changes amongst 50 leading miners: 2 January to 22 July



Source: [GlobalData Mining Stock Index](#)

Fonte: Mining Technology

Data: 28/07/2020



MAIOR PRODUTORA DE MINÉRIO DA ÁFRICA VÊ DESACELERAÇÃO DE PREÇOS

A unidade de minério de ferro da Anglo American na África do Sul espera que os preços da matéria-prima desacelerem no segundo semestre deste ano diante do aumento da oferta no Brasil.

"Devemos ver um pouco de moderação, com o preço caindo para um nível de US\$ 90 a tonelada pelo resto do ano, que ainda é um preço muito bom", disse Timo Smit, responsável de marketing da Kumba Iron Ore, em teleconferência na terça-feira.

A maior produtora de minério de ferro da África obteve preço médio de US\$ 93 a tonelada durante o primeiro semestre, 14% abaixo do que no mesmo período do ano anterior, apesar da recuperação da demanda chinesa após o surto de coronavírus. Embora a Kumba tenha se beneficiado de um rand mais fraco, o que reduz os custos para empresas sul-africanas, a produção foi limitada pela pandemia.

A Kumba cortou o dividendo provisório para o equivalente a 75% do lucro em relação a 98% no ano anterior, embora o pagamento ainda esteja na ponta superior do intervalo da meta. Os ganhos, que excluem alguns itens extraordinários, caíram 17%, para 8,4 bilhões de rands (US\$ 508 milhões).

A empresa aumentou as operações para 100% da capacidade após as paralisações causadas pelo vírus, que reduziram a produção em 11% no primeiro semestre, de acordo com o CEO Themba Mkhwanazi. A produtora ainda enfrenta gargalos nos portos devido às medidas de isolamento, disse.

As ações da Kumba acumulam valorização de 32% desde janeiro.

Fonte: Uol

Data: 28/07/2020



NEXA RESOURCES APPOINTS ABB AS PARTNER FOR DIGITAL TRANSFORMATION JOURNEY

One of the key players in mining in Latin America has appointed ABB to provide state-of-the-art industrial automation systems for existing and new operations. Technology leader ABB has been selected to partner with Nexa Resources in an ambitious digital transformation program in Latin America. The first step will be the modernisation of existing mining and smelting process installations in Brazil and Peru, which will form the foundation of digitalised and cost-effective operations.

Aligned with Nexa's Directive Automation and Information Master Plan, ABB will install ABB Ability™ System 800xA as part of a five-year agreement. ABB states: "It is the most powerful Distributed Control System (DCS) automation platform in the market and is ranked by ARC advisory group as the world's #1 over the last 20 years. This technology is the basis for the digital transformation and will serve as a common operations platform to support all technology upgrades as the plants evolve into digital mines of the future."

"One of the main immediate gains will be employee safety as the modern automation platform allows remote monitoring and control. The platform also increases productivity by applying modern control techniques and creating value for the company and local community," said Marcos Hillal, Global Product Line Manager Automation & Digital for Mining, Aluminium and Cement at ABB. "As part of the journey, we are providing Nexa with a thorough training and communications plan to support them through the transition."

In addition to automating existing sites, ABB will be responsible for the delivery of automation platforms at the Aripuanã site, the new Nexa expansion investment in Brazil. The Aripuanã project is a polymetallic extraction of zinc, lead and copper, located near the city of Aripuanã in the State of Mato Grosso in Brazil. The plant is a greenfield site in which Nexa is investing in operations infrastructure, engaging ABB from the start. There, ABB will deliver automation solutions that result in high levels of productivity, safety and cost savings.

The scope includes a comprehensive automation platform, based on ABB Ability™ System 800xA, and equipped with ABB Ability™ MineOptimize solutions such as the Minerals Process Control Library, Power Control Library and camera connection. Together, these will make Aripuanã one of the most modern operations in Brazil.

Fonte: International Mining

Autor: Paul Moore

Data: 28/07/2020



GOLDMAN HIKES 12-MONTH GOLD PRICE FORECAST TO \$2,300

Goldman Sachs on Tuesday raised its 12-month gold price forecast to \$2,300 per troy ounce (toz), aided by expectations of more downside in U.S. real interest rates and a favourable environment for the safe-haven metal.

The surge in gold prices is being driven by a potential shift in the U.S. Fed towards an inflationary bias to account for political tensions and an expectations that coronavirus infections will rise, Goldman said.

Increased safe-haven buying has pushed spot gold prices 27% higher so far this year, as bullion surged to a record high of \$1,980.57 on Tuesday. [GOL/]

"We have long maintained gold is the currency of last resort, particularly in an environment like the current one where governments are debasing their fiat currencies and pushing real interest rates to all-time lows," Goldman said.

Real concerns around the longevity of the U.S. dollar as a reserve currency have started to emerge, it added. "We see inflationary concerns continuing to rise well into the economic recovery, sustaining hedging inflows into gold ETFs alongside the structural weakening of the dollar, we see gold being used as a dollar hedge by fund managers," Goldman said.

The bank also raised its silver price forecast to \$30/toz on a 3/6/12 month horizon "pulled upward by higher gold prices and better prospects for silver industrial demand, particularly in solar energy."

Fonte: Reuters

Autor: Shreyansi Singh

Data: 28/07/2020



SIGMA EMITIRÁ US\$ 10 MILHÕES EM AÇÕES PARA FINANCIAR PROJETO DE LÍTIO EM MG

A Sigma anunciou a emissão de US\$ 10 milhões em ações com o objetivo de custear parte do contrato de engenharia, suprimentos e construção (EPC, do inglês engineering, procurement and construction) para o desenvolvimento do projeto de lítio Grota do Cirilo, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

De acordo com a empresa, serão emitidas 6.216.279 ações ordinárias, que serão vendidas no mercado acionário do Canadá a um preço unitário equivalente a R\$ 8,34 pelo câmbio desta terça-feira (28).

Ainda segundo a Sigma, entre os investidores estratégicos envolvidos no negócio estão "líderes focados em ESG (acrônimo em inglês para práticas ambientais, sociais e de governança) e investimentos sustentáveis em todo o mundo". A emissão será intermediada pela Cormark Securities e o National Bank Financial.

O contrato EPC foi fechado com a espanhola Duro Felguera por um preço fixo máximo pelo valor de US\$ 22,8 milhões e R\$ 182,1 milhões. A companhia já firmou contrato de financiamento de US\$ 45 milhões com o banco Sociéte Générale, além de contrato de venda antecipada com a japonesa Mitsui para aporte de outros US\$ 27 milhões no projeto.

Na semana passada, a Sigma anunciou contrato de engenharia front-end (Feed) com a empresa espanhola para iniciar já em agosto o pré-detalhamento do projeto de Grota do Cirilo. A mineradora canadense afirmou que o projeto de engenharia detalhada para construção da operação, que será feito em parceria com o australiano Primeiro Group, deve ser concluído até novembro.

O projeto de lítio é avaliado em cerca de R\$ 500 milhões, para a extração e processamento de 1,5 milhão de toneladas por ano de espodumênio de concentrado de lítio. Inicialmente, a produção será focada no depósito de Xuxa, que tem reservas minerais de 17 milhões de toneladas.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 28/07/2020



U.S. FINDS ITS CHINESE RARE EARTH DEPENDENCY HARD TO BREAK - ANDY HOME

The U.S. Department of Defense has just committed funding for two rare earth separation plants on U.S. soil. It's one small step towards the Trump administration's stated goal of breaking the country's dependence on Chinese supplies of critical minerals.

But the direct involvement of the Pentagon underlines the scale of the task associated with creating from scratch a non-Chinese rare earths supply chain.

The United States was almost totally dependent on imports of rare earth compounds and metals last year, just as it was the year before and the year before that. China remained the largest supplier to the tune of around 80% of all imports, according to the United States Geological Survey (USGS).

That reliance on China for minerals with critical uses across a wide spectrum of civilian and military applications is becoming ever more problematic as Sino-U.S. relations deteriorate.

However, to break it, as the United States is finding out, requires a mix of direct government support, alliances with like-minded countries, and a long-term focus on the six-stage process chain from ore to rare earth magnet.

LINKING THE CHAIN

The United States now produces rare earths at the reopened Mountain Pass mine in California, bought out of bankruptcy in 2017 by MP Materials, an investment vehicle backed by U.S. funds JHL Capital Group and QVT Financial.

The mine produced 26,000 tonnes of light rare earth oxide in concentrate form last year, accounting for 12% of global production, according to the USGS.

China's dominance of the first-stage of the global rare earths chain is weakening, partly due to the return of Mountain Pass and partly due to a displacement of highly-polluting heavy rare earths mining from China to Myanmar, which last year produced 22,000 tonnes of concentrate.

However, China's control of global processing capacity is almost total, with the exception of Australia's Lynas Corp which operates a separation plant in Malaysia.

What's currently mined at Mountain Pass gets shipped to China to be upgraded into compounds and products which are then shipped back to the United States.

MP Materials is one of the three companies chosen to receive direct government funding for a separation plant, albeit only after a review into its Chinese shareholder, Shenghe Resources.

Lynas, meanwhile, is teaming up with Texas-based Blue Line on a heavy rare earths separation plant.

The problem, though, is that the oxide generated at both separation plants may still have to go to China for further processing.

As the United States pursues China up the rare earths value chain, it is finding that each segment poses its own problem all the way through to finished product.

The country currently has virtually no capacity to produce neodymium-iron-boron (NdFeB) magnets, the most common end-use application for rare earths and one that is set for exponential growth as the global automotive industry migrates to electric vehicles.

Ironically, General Motors, which held one of two original patents for such magnets, sold the rights to China. Japan's Sumitomo sold the other to Hitachi, which is now the primary supplier outside China.

"China is where most magnets are made," Pol Le Roux, vice-president of sales and marketing at Lynas Corp, told Argus Media. ("Argus White Paper: How to build a rare earth supply chain", July 2020).

"So where do we expand? In the U.S. and Europe? But there is very little magnet manufacturing there. So if we make more oxides, the only customer is China," Le Roux said.

THE MARKET IS NOT ENOUGH

To build the full mine-to-magnet chain will need customer and government support, according to Le Roux.

Market forces were why Mountain Pass closed and the United States exited the rare earths business.

Market forces actively work against the reconstruction of that domestic capacity, with car companies incentivised to choose lower-priced Chinese magnets over higher-priced, start-up Western rivals.

Lynas' own Mt Weld project in Australia only made it thanks to the support of the Japanese government, which extended loans and lowered interest rates during the difficult start-up phase, Le Roux said.

The key takeaway is that the Japanese "have a different approach to the supply chain - they put a higher value on the stability of supply", Le Roux added.

The U.S. is playing catch-up and the Department of Defense's mandate to directly invest in separation capacity is a recognition of the nurturing role government will have to play.

So too is U.S. Senator Ted Cruz's proposed bill to provide funding to both rare earth production projects and massive tax breaks for companies using U.S.-made magnets.

METALLIC ALLIANCES

The United States is also learning that it's going to need allies if it is to regain some control of the rare earths sector.

"I think it is clear at this stage that if you really want to build a rare earth supply chain outside China, there will have to be cooperation between countries," said Ian Higgins, managing director of UK neodymium producer Less Common Metals, also talking to Argus.

Lynas' involvement in the Texas project brings together a rare earths compound maker with the only company outside China to have experience with commercial-level separation of rare earth concentrates.

The United States has been busy building potential alliances with both Australia and Canada across a range of critical minerals.

It's pretty clear that if it is going to fill its domestic magnet-making void it will need Japanese help.

Not only is Hitachi the only non-Chinese player of size, but Japan is further along the path of cutting rare earth links with China having found itself at the hard end of a Chinese export ban a decade ago.

Japan's shepherding of Lynas through its early start-up problems was born out of that supply shock.

It's taken a decade for Japan to loosen China's grip on its rare earths supplies and the United States also faces a long haul.

"Multi-billion dollar supply chains do not move overnight (but) the supply chain transition has to happen, and it will over time," said James Litinsky, co-chairman of MP Materials, who also gave an interview to Argus for its white paper.

The Department of Defense's funding for MP Materials and Lynas/Blue Line is an important step on that road, but it's set to be a very long road.

Fonte: Reuters

Autor: David Holmes

Data: 28/07/2020



EXPORTAÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO PODE TER MELHOR MÊS EM QUASE 2 ANOS

As exportações de minério de ferro do Brasil neste mês têm registrado volume diário ligeiramente acima do visto no mesmo período do ano passado e podem registrar o maior patamar mensal em quase dois anos se mantido esse ritmo, mostraram dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do governo nesta segunda-feira (27).

As vendas externas de minério de ferro, um dos principais itens da pauta e exportações do país, somaram 1,498 milhão de toneladas por dia até a quarta semana de julho, contra 1,488 milhão no mesmo período do ano anterior.

Isso significa embarques totais da *commodity* de 26,98 milhões de toneladas neste mês, com 18 dias úteis, contra 34,22 milhões de toneladas em julho passado, em 23 dias úteis.

Se mantido o atual ritmo, as exportações fecham o mês em 34,47 milhões de toneladas, acima do mesmo mês de 2019, melhor marca daquele ano, segundo dados da Secex compilados pela Reuters. O volume também seria o maior desde as 34,6 milhões de maio de 2018.

Os embarques de minério de ferro do Brasil, principalmente da Vale, segunda maior produtora global da *commodity*, têm sido monitorados de perto pelo mercado desde o ano passado, quando o rompimento de uma barragem da companhia em Brumadinho (MG) deixou centenas de mortos e impactou as operações da empresa em geral.

Neste ano, a oferta do Brasil continuou no radar do mercado de minério de ferro devido à preocupação com o avanço do novo coronavírus no país, que só perde para os Estados Unidos em casos e mortes pela doença.

Uma certa dose de temor de investidores quanto a potenciais impactos da pandemia sobre as operações da Vale tem ajudado a sustentar as cotações do minério de ferro em níveis elevados neste ano, acima de U\$100 por tonelada na China, mesmo em meio à expectativa de uma crise global causada pelo novo coronavírus.

Fonte: Agência Brasil

Data: 27/07/2020



OURO CONTINUA MARCHA IMPLACÁVEL EM MEIO À DEMANDA POR SEGURANÇA GLOBAL

A marcha implacável do ouro não dá sinais de desaceleração. A desvalorização do dólar fez com que as cotações do metal precioso superassem o recorde de 2011 e colocou a commodity nos trilhos para ganhos ainda maiores.

A valorização do ouro coincide com a queda de um indicador da moeda dos EUA para o menor nível em mais de um ano, outro sinal de uma série de fatores – como juros reais negativos nos EUA e apostas de que o Federal Reserve manterá a política acomodativa quando se reunir nesta semana – que elevam os preços cada vez mais.

O mundo enfrenta um longo período de turbulência econômica e política sem precedentes, e o agora ouro mira os US\$ 2.000. Alguns especialistas do mercado sugerem que o ativo, considerado um porto seguro, pode subir além desse nível.

Sinais da ascensão recorde do ouro começaram a aparecer em meados de 2019, quando o Fed sinalizou a disposição de cortar as taxas de juros diante da incerteza – principalmente sobre o impacto das batalhas comerciais dos EUA – que obscurecia o cenário do banco central dos EUA.

O rali ganhou ritmo no início de 2020, com o aumento das tensões geopolíticas e o impacto do surto de coronavírus no crescimento global, levando governos e bancos centrais a injetarem grandes quantidades de estímulo e empurrarem as taxas de juros reais ainda mais em território negativo.

“Fortes ganhos são inevitáveis quando entramos em um período semelhante ao ambiente após a crise financeira global, quando os preços do ouro atingiram níveis recordes como resultado de grandes quantidades de dinheiro do Fed sendo injetadas no sistema financeiro”, disse Gavin Wendt, analista sênior de recursos da MineLife.

O dólar fraco e taxas reais negativas dão ainda mais impulso ao metal. O ouro pode se consolidar antes de fixar em US\$ 2.000 ou acima disso nas próximas semanas, disse.

A demanda de investimentos tem sido implacável. As participações em fundos de índice lastreados em ouro bateram recordes em quase todos os meses desde o final do ano passado, e as entradas deste ano superaram o recorde anual total estabelecido em 2009.

O ouro atrai investidores mesmo com os ganhos no mercado acionário – com exceção da onda vendedora em março, quando operadores liquidaram ativos em ouro para cobrir perdas em outros mercados -, e os títulos do Tesouro dos EUA agora são a principal métrica a ser observada.

O metal funciona como um hedge atraente, uma vez que os rendimentos dos títulos do Tesouro, que eliminam os efeitos da inflação, caem abaixo de zero.

O ambiente elevou o espectro de estagnação, uma rara combinação de crescimento lento e avanço da inflação que diminui o valor dos investimentos em renda fixa.

Nos EUA, as expectativas dos investidores quanto à inflação anual na próxima década, medida por uma métrica do mercado de títulos conhecida como “breakevens”, subiram nos últimos quatro meses após a queda em março.

A inflação também desempenha um papel importante na observação dos preços em um contexto histórico. O ouro à vista chegou a ser negociado a US\$ 1.945,26 na segunda-feira, superando o recorde anterior em mais de US\$ 20. A prata à vista subiu 8,1%, para US\$ 24,6031 a onça, o maior nível desde 2013.

Quando ajustado pela inflação, o ouro permanece inferior ao recorde de 2011 e muito abaixo do pico histórico de 1980, após o segundo choque no preço do petróleo.

Fonte: Money Times

Data: 27/07/2020



LARA RELATA INÍCIO DE PRODUÇÃO DE COBRE EM CELESTA, NO PARÁ

A Lara Exploration anunciou nesta segunda-feira (27) o início da produção na operação de cobre e ouro Celeste, no Pará, anteriormente conhecida como Maravaia. De acordo com a empresa, a operação já está em processo de mineração e processamento e os primeiros concentrados devem ser embarcados no início de agosto.

O programa de mineração da Celesta, segundo a Lara, se concentrará inicialmente no alvo de Osmar, que tem uma estimativa de Recursos Indicados de 2,14 milhões de toneladas, com teores médios de 4,2% de cobre e 0,66 partes por milhão (ppm) de ouro.

A Lara possui royalty NSR (do inglês net smelter return, ou receita líquida sobre a produção) de 2% e uma participação acionária de 5% na Celesta Mineração, que é operada em conjunto com os parceiros Tessarema Resources Inc. (40% de participação) e North Extração de Minério (55% de participação).

A operação foi financiada pela Ocean Partners UK, que forneceu US\$ 6,5 milhões para a atualização da planta, a infraestrutura da mina e capital de giro por meio de um acordo de venda antecipada (offtake agreement, em inglês). A Ocean Partners se especializou no comércio de metais e tem, entre seus fornecedores de cobre, Codelco, BHP, Freeport, Anglo American, Vedanta, Teck Metals e a sul-africana Amak.

A Lara informou que também ainda tem a receber US\$ 800 mil da Tessarena de uma multa de US\$ 1 milhão por causa do atraso no início da produção em Celesta, previsto originalmente para começar em 2018.

A Lara é uma empresa que segue o modelo de negócios Prospect and Royalty Generator, que, de acordo com a companhia, visa minimizar a diluição dos acionistas e o risco financeiro, gerando prospectos e explorando-os por meio de joint ventures com diferentes parceiros, "mantendo uma participação minoritária e/ou royalties".

Atualmente, a empresa ainda possui no Brasil os projetos de cobre Planalto e Liberdade, no Pará, e o projeto de ouro Tocantins, no Estado de mesmo nome, além de projetos de ouro, cobre e zinco no Peru.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 27/07/2020



CHILE JUDGE CALLS FOR WATER STUDY ON 'FRAGILE' LITHIUM-RICH ATACAMA SALT FLAT

A top environmental judge in Chile renewed a call for a government-vetted water study to help stamp out lingering questions about sustainability that have cast a pall over Chile's lithium-rich Salar de Atacama.

Water – both fresh and saline, where the lithium lies – has long been a sticking point for miners at Atacama, one of the world's richest reserves of the ultralight battery metal. The flat sits amid the world's driest desert.

Mauricio Oviedo, president of the Environmental Tribunal of Antofagasta, a region home to all of the country's lithium production and much of its copper output, called the salt flat “highly fragile.”

“If Chile wants to continue managing the Salar, it should have a model that would give us (all) greater certainty,” Oviedo said in an interview with Reuters.

“To the court, it seems like commonsense if we want to do sustainable mining in the Salar that we effectively need to have all the elements on the table.”

Oviedo first called for a study in December when the Antofagasta court he oversees tossed out a \$25 million remediation plan honed over three years by Chilean lithium producer SQM, saying it had relied on questionable science.

The court cannot require a water study. But Chile development agency Corfo, which oversees lithium holdings at Atacama, has hired a third-party to conduct a hydrological survey of the Salar. That study has been repeatedly delayed since 2018.

Oviedo’s decision reignited concerns over SQM’s ability to ramp up output to meet fast-growing demand from the electric vehicle industry. Atacama, home to SQM and top competitor Albemarle Corp, already supplies around one-quarter of the world’s lithium.

Regulators required SQM to develop the disputed compliance plan after charging the miner with over-pumping lithium-rich brine from beneath the flat. The company has appealed the decision to scrap the program to the Supreme Court. A decision is pending.

But while the courts ponder SQM’s fate, uncertainty continues to linger in the Salar.

“The state of the salt flat today is as described in our decision: Very fragile, and with much scientific uncertainty,” Oviedo said.

Newcomers should not be deterred from proposing projects on the flat, Oviedo added, but said the decision should be considered a “precedent” by regulators.

The void led Albemarle, the world’s No.1 producer of lithium, to propose in December its own network to study water on the salt flat.

German automakers Volkswagen and Daimler this year joined the push for more sustainable lithium mining in Chile, a sign of growing supply chain concerns ahead of an expected electric vehicle boom.

Fonte: Mining. Com

Data: 27/07/2020



CONSULTE O INFOGRÁFICO “MINERAÇÃO EM NÚMEROS – DADOS DO SETOR MINERAL 2º TRIMESTRE/1º SEMESTRE 2020”

O Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) divulga o Infográfico com os principais dados do setor mineral brasileiro referentes ao 2º trimestre de 2020 e também do 1º semestre do ano.

O desempenho das exportações de minérios nos dois primeiros trimestres foi decisivo para manter positivo o saldo da balança comercial brasileira: o saldo comercial mineral corresponde a 50% do saldo total, mesmo com os impactos negativos da pandemia do novo coronavírus (covid-9) afetando os principais mercados compradores dos minerais brasileiros – países asiáticos e europeus. Os dados da indústria da mineração referentes ao 2º trimestre e ao 1º semestre de 2020 foram divulgados em 21/7 pelo IBRAM, que congrega mineradoras responsáveis por mais de 85% da produção nacional.

No 2º trimestre de 2020, o saldo do setor mineral, de quase US\$ 6 bilhões, correspondeu a cerca de 33% do saldo Brasil (US\$ 18 bilhões): as exportações do setor mineral totalizaram aproximadamente US\$ 7 bilhões (14% das exportações brasileiras) e as importações cerca de US\$ 1,5 bilhão (4% das importações brasileiras).

O consolidado do 1º semestre de 2020 revela que as exportações de minérios tiveram ligeira queda de 3% em US\$ na comparação com igual período de 2019 e as importações queda de 31%.

[Clique para baixar o Infográfico.](#)

[Acesse o arquivo PDF com os dados.](#)

Fonte: IBRAM

Data: 27/07/2020



AUSTRALIA SEES END-2020 IRON ORE PRICES AT \$55/T

The Australian government forecasts iron ore spot prices to almost halve to an average of \$55/t by the end of this year because of an uncertain supply-demand outlook.

The iron ore price is project to drop to \$55/t fob by the end of this year's final quarter, the Australian treasury said.

The Argus iron ore fines 62pc Fe ICX cfr Qingdao was last assessed at \$108.50/dry metric tonnes (dmt), which was up from \$91.15/dmt on 1 January.

Iron ore prices have remained resilient as the impact of falling steel production outside China has been largely offset by firm demand from Chinese steel producers and supply disruptions in Brazil.

Australia is the world's largest exporter of iron ore, providing the country's largest single share of export revenue.

Metallurgical and thermal coal prices have fallen by around a quarter since the start of 2020 because of weaker global demand and the risk of Chinese coal import restrictions, the treasury said.

Metallurgical coal is forecast to fall to to \$110/t fob, with the thermal coal price at \$54/t fob. The Argus metallurgical coal premium low-volatile fob Australia was last assessed at \$111.30/t, down from \$139/t at the end of 2019. Newcastle thermal coal 6,000 kcal/kg NAR fob was last assessed at \$47.69/t compared with \$65.70/t at the end of 2019.

The treasury forecasts are lower than the government's official commodity forecaster the Office of the Chief Economist. It forecast the iron ore spot price to average \$79.50/t in 2020, metallurgical spot prices \$126/t and thermal coal at \$56/t.

Australian mining exports are forecast to increase by 3pc in the 2020-21 fiscal year to 30 June after a forecast increase of 0.5pc in 2019-20, the treasury said. Iron ore exports are expected to increase in 2020-21 because of continuing demand from China as project expansions support production volumes.

"Lower global coal prices are likely to result in some reduced Australian coal production," the treasury said.

Australian mining investment is also expected to increase for the first time in seven years by 4pc in 2019-20 and another 9.5pc in 2020-21.

Industry consultation and capital expenditure data suggest that investment in large iron ore projects is expected to continue to sustain productive capacity, the treasury said. But global uncertainty and lower commodity prices have led to delays in final investment decisions for new projects.

Fonte: Argus Media

Autor: Kevin Morrison

Data: 27/07/2020



MUSK PROMETE 'CONTRATO GIGANTE' PARA NÍQUEL PRODUZIDO COM EFICIÊNCIA

O diretor-executivo da Tesla, Elon Musk, disse às empresas de mineração que sua companhia concederia "um contrato gigante" por níquel extraído de maneira eficiente produzida de "uma maneira ambientalmente sensível".

Musk pediu às mineradoras que produzissem mais níquel, um ingrediente-chave para as baterias que alimentam os carros elétricos da empresa, alertando que o custo atual das baterias continua sendo um grande obstáculo para o crescimento da empresa.

"A Tesla concederá um contrato gigante por um longo período de tempo, se você minerar níquel com eficiência e de maneira ambientalmente sensível", afirmou Bloomk, segundo Musk, durante teleconferência sobre o resultado da empresa no segundo trimestre.

O apelo de Musk ocorre quando um dos gigantes do comércio geral do Japão está prestes a receber cerca de US\$ 500 milhões em um projeto de níquel em Madagascar por causa dos baixos preços e da pandemia de Covid-19.

O suprimento de níquel de bateria - um componente-chave no cátodo da bateria de um veículo elétrico - pode ficar sem carga já em 2023, disse o Newswire. A Bloomberg espera um equilíbrio apertado nos próximos dois a três anos, à medida que a demanda por baterias de íons de lítio aumentar.

O Ambatovy - um dos maiores projetos de níquel do mundo, com capacidade operacional total representando 5% da capacidade de produção global de níquel classe 1 - não retomou as operações depois de ser suspenso em março de 2020. Uma suspensão prolongada exacerbou o potencial apertado do níquel mercado, disse a Bloomberg.

Atualmente, a Tesla adquire baterias de níquel-cobalto-manganês (NCM) da LG Chem Ltd da Coreia do Sul e baterias de níquel-cobalto-alumínio (NCA) da japonesa Panasonic.

Essas empresas compram indiretamente níquel de companhias de mineração em uma longa cadeia de suprimentos de automóveis. A Tesla não divulga quais mineradoras de níquel estão em sua cadeia de suprimentos.

Em junho, a Glencore afirmou ter vencido um contrato para fornecer cobalto de suas operações na República Democrática do Congo (RDC) para a Tesla. O acordo, que aumenta a dependência de Tesla em

suprimentos da RDC, é um impulso para os negócios de cobalto da Glencore após uma queda de dois terços no preço do metal nos últimos dois anos para cerca de US\$ 30.000 por tonelada.

A Tesla apoia o fornecimento de metais da RDC sob a condição de que os materiais "... possam ser assegurados ... sejam provenientes de minas que atendem aos nossos padrões sociais e ambientais".

Dado o foco da Tesla na sustentabilidade, é provável que a empresa prefira comprar de mineradoras de sulfeto de níquel de alto teor, que requer menos energia para processar do que o minério de laterita, disse Lachlan Shaw, do National Australia Bank.

Existem três fornecedores principais - a Vale, que opera no Canadá usando alguma energia hidrelétrica, a Norilsk Nickel da Rússia e as operações do Grupo BHP em West Australia Ocidental. "A Vale está no banco do passageiro", disse ele.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 25/07/2020



**SERVIÇO GEOLÓGICO
DO BRASIL - CPRM**

WEBINÁRIO INTERNACIONAL DISCUTE RUMOS DA MINERAÇÃO NAS AMÉRICAS DEPOIS DA PANDEMIA

Aconteceu nesta quarta-feira (22) o webinar internacional A Mineração nas Américas e a Recuperação Econômica depois da Covid-19, organizado de forma conjunta pela Conferência de Ministérios de Mineração das Américas (CAMMA, na sigla em espanhol) e o Fórum Intergovernamental sobre Mineração, Minerais, Metais e Desenvolvimento Sustentável (IGF, na sigla em inglês). O objetivo do evento foi discutir as ações tomadas pelos governos em resposta à pandemia da Covid-19 e seus impactos nas atividades de mineração, considerando o papel futuro do setor de mineração das Américas na era pós-pandêmica.

A Secretaria de Gestão Mineral (SGM) do Ministério de Minas e Energia (MME), como integrante da Associação de Serviços de Geologia e Mineração Iberoamericanos (ASGMI, na sigla em espanhol), acompanhou o evento. No Serviço Geológico do Brasil (CPRM), as atividades referentes à política internacional são executadas por meio da Assessoria de Assuntos Internacionais (ASSUNI), no que diz respeito à cooperação técnica e à prestação de serviço.

Os palestrantes virtuais incluíram o diretor do IGF, Greg Radford, o secretário parlamentar do Ministro de Recursos Naturais do Canadá, Paul Lefebvre, e o vice-ministro de Mineração do Equador, Fernando L. Benalcázar. A mediação ficou a cargo de Roberto Sarudiansky, coordenador da CAMMA.

Greg Radford deu início ao webinar apresentando as respostas do IGF à pandemia. De acordo com o diretor, a instituição tem agido segundo diretrizes concernentes a empregos e políticas de taxaço. Desde o início da pandemia, o fórum publicou um artigo e promoveu três webinários sobre a questão trabalhista, incluindo eventos e discussões sobre garimpos e mineração em pequena escala. Um blog e outros três eventos virtuais estão em desenvolvimento e serão finalizados em breve.

Segundo o diretor, cerca de 305 milhões de trabalhadores em período integral em todos os setores econômicos correm o risco de perder o emprego no segundo trimestre de 2020 devido à pandemia de Covid-19. No setor de mineração, as minas globais estão fechando temporariamente para proteger a saúde e a segurança dos trabalhadores. Os funcionários estão sendo demitidos e as cadeias de suprimentos estão diminuindo ou interrompendo completamente a produção.

"O IGF destaca três maneiras pelas quais governos e indústrias podem agir agora para promover um mercado de trabalho resiliente e proteger os meios de subsistência das comunidades", afirmou Radford. As posturas incluem alívio (partir de medidas gerais para apoio direcionado), recuperação (retomar os negócios habituais, mas não da mesma maneira como costumavam ser tocados) e resiliência (preparar-se para eventos futuros de adversidade).

No que tange às políticas de taxaço, o diretor do IGF relatou que duas publicações e dois webinários foram feitos e um programa está para ser lançado. The Future of Resource Taxation (O Futuro dos Recursos Taxativos, em tradução livre) vai fornecer recomendações oportunas para a próxima geração de políticas fiscais minerais, a fim de permitir o compartilhamento equitativo dos benefícios da mineração e a confiança entre a indústria, os governos e a sociedade civil.

Paul Lefebvre deu continuidade à discussão apresentando as medidas tomadas pelo Canadá no setor mineral em resposta à pandemia de Covid-19, focando na liderança mundial que o país tem na mineração. O Canadá estabeleceu um plano econômico com diretrizes e em apoio a indivíduos, setores e empresas, com destaque para a proteção de empregos, incluindo o de comunidades indígenas.

De acordo com Lefebvre, o Canadá está focado em fazer acordos com países do continente americano para retomar a mineração na região, reconhecendo a importância da América Latina. "Estamos prontos para cooperar com outros países, porque acreditamos que a retomada é uma prioridade em comum", afirmou. Ele apresentou

alguns minerais de produção crítica no Canadá, ressaltando que o conceito varia de país para país, a depender do contexto e das disposições locais. Ainda segundo o secretário, o ranking mineral de produção global canadense é composto por: potássio; urânio e nióbio; metais do grupo da platina, níquel e cobalto; e alumínio.

Por fim, Lefebvre disse enxergar a pandemia de Covid-19 como catalisadora dos processos de automação na indústria mineral. “As pessoas temem que a automatização tire seus empregos, mas no Canadá vemos como uma grande oportunidade porque, na realidade, vai gerar novos empregos. Vamos precisar de pessoas para guiar veículos, criar tecnologias e disseminá-las em locais remotos, por exemplo. Então teremos novos jeitos de fazer mineração, apoiados pelas novas tecnologias.”

Fernando L. Benalcázar seguiu o evento, destacando as experiências que o Equador adquiriu de outros países durante a pandemia de Covid-19. “A importância deste webinar está no compartilhamento de ideias sobre a mineração entre os países e instituições”, afirmou. Ele expôs um panorama geral do cenário pandêmico equatoriano e mundial e disse que a experiência do país durante o período envolve trocas com outras nações, como Chile, República Dominicana, Peru, Argentina e Brasil.

Benalcázar apresentou dados do impacto da pandemia de Covid-19 no setor mineral do Equador, advindas da consequente situação econômica e das medidas sanitárias de distanciamento social. Para ele, as soluções no país vão envolver três etapas: evitar, ter cautela e fomentar, a partir, por exemplo, de produtos como o protocolo de prevenção em biossegurança para a mineração lançado pelo Equador.

De acordo com o vice-ministro, após a pandemia de Covid-19, a mineração será essencial para a retomada econômica dos países. “Será uma luz, já que cada bebê nascido nas Américas ainda vai precisar de 150 toneladas de minerais, metais e combustíveis ao longo da vida”, argumentou. Os dados fazem parte do gráfico Bebê Mineral, feito em 2019 pela Sociedade de Mineração, Metalurgia e Exploração (SME, na sigla em inglês).

[Acesse as diretrizes do IGF em tempos de pandemia de Covid-19](#)

Fonte: CPRM

Data: 24/07/2020



US MOVES TO BOOST DOMESTIC PRODUCTION OF STRATEGIC MINERALS

The US House of Representatives launched a bipartisan caucus on Friday to focus on ways to increase domestic production of specialised minerals used to make missiles, cell phones and other high-tech equipment.

The Critical Materials Caucus, is the latest effort by officials in Washington to blunt China’s prowess as the world’s largest producer or processor of rare earths, lithium, titanium and other niche but important minerals.

China hiked its mining quota for rare earth minerals by 6.1% in 2020 to a record annual high.

Representative Eric Swalwell, a California Democrat, and Representative Guy Reschenthaler, a Pennsylvania Republican, will chair the group, which was approved by the House Administration Committee’s leadership.

The Pentagon and a rising number of U.S. tech companies have grown concerned that China could cut off exports of the minerals to the US – which it did to Japan in 2010 – if relations between Beijing and Washington deteriorate further.

“All of us want to make sure America addresses this national security issue,” Swalwell told *Reuters*.

The US Department of Defense has resumed the funding for two projects to process rare earth minerals for military weapons after a review found the grants are in the best interest of the country. The Pentagon on April 22 awarded Australia’s Lynas Corp and privately held MP Materials funding for rare earths separation facilities in Texas and California, respectively.

Caucus members plan to initially focus on legislation Swalwell has introduced to permanently fund rare earths research at US Department of Energy laboratories.

China became the top global producer of many of these minerals only in recent decades. The rare earths industry began in the United States during World War Two as part of the Manhattan Project, but the technology gradually moved overseas to China.

“It is more important than ever for our nation to work towards achieving critical material independence,” said Reschenthaler.

The caucus will start in the House and could potentially expand to the US Senate, staffers said.

Fonte: Mining. Com

Data: 24/07/2020



ANATEL ESTUDA RESERVAR ESPECTRO EXCLUSIVO DO 5G PARA MINERAÇÃO

A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) já estuda reservar espectro exclusivo do 5G para redes privadas do setor de mineração. Nilo Pasquali, superintendente de planejamento e regulamentação da Anatel, diz que, historicamente, a agência tem alocado porções de espectro para utilities (concessionárias de serviços como água e luz) em tecnologias específicas do setor e em faixas não licenciadas. Agora a demanda é por frequência licenciada e tecnologias padronizadas, como 4G LTE e 5G, por empresas em áreas delimitadas, sem precisar pagar pela outorga.

"A agência estuda a possibilidade de usar frequência já alocada para as operadoras para aplicações desses setores, não apenas em caráter secundário. No 5G, vamos reservar a porção de 3,7 GHz a 3,8 GHz. A proposta deve ir, este mês, da área técnica ao conselho diretor, que decidirá até o final do ano. Também poderemos reservar um bloco de 10 MHz da faixa de 700 MHz", anuncia Pasquali.

Paulo Humberto Gouvêa, diretor de soluções corporativas da TIM Brasil, acredita que os projetos de larga escala exigirão a expertise das operadoras. À medida que ganhar escala, devem atingir também as médias e pequenas empresas. "A TIM tem uma forte estratégia para os setores de mineração, agro, energia, logística e manufatura, com projetos de IoT que demandarão redes dedicadas", disse.

"Estamos no início da revolução da indústria 4.0. Depois da automação da geração e da transmissão, o setor elétrico digitaliza a distribuição. Na mineração, é possível garantir latência muito baixa para veículos autônomos", exemplifica.

A Vivo foi a primeira operadora contratada pela Vale para redes privadas em minas. Átila Branco, diretor de planejamento de redes da operadora, diz que este movimento de buscar solução robusta e de massa, como o LTE, é inovador e corajoso por parte das empresas. "A frequência licenciada garante escala e segurança. Mas o desafio não é o projeto, e sim operação e manutenção em que as operadoras têm uma proposta de valor e mais tradição", diz Branco.

Entre os fabricantes, a Nokia é a mais entusiasmada devido às 150 redes privadas implantadas, sendo três na América Latina - Neoenergia, Vale e Las Bambas, no Peru. A expectativa é dobrar o número atual de 7 milhões de Estações Rádio Base (ERBs) do mercado de redes públicas. "Até 2025 vamos precisar de 14 milhões de ERBs para atender o mercado corporativo", estima Wilson Cardoso, diretor de soluções da Nokia.

Marcos Scheffer, vice-presidente de redes da Ericsson para o Cone Sul, diz que esse mercado é estratégico para a empresa, que tem mais de cem projetos em mineração, energia, manufatura, portos e aeroportos. "Do US\$ 1,5 trilhão gerado pelo 5G, até 2030, US\$ 700 bilhões terão como foco projetos das operadoras para empresas", estima.

Carlos Roseiro, diretor de soluções integradas da Huawei, defende que essa demanda será atendida no 5G com recurso de fatiamento da rede (network slicing). A empresa tem um memorando de entendimento com a mineradora Sul Americana de Metais (SAM) para teste 5G e em mina não tripulada em Minas Gerais, e projeto de rede 4G com a EDP.

O CPqD com a Trópico e o Inatel correm por fora com equipamentos na faixa de 250 MHz. "A solução da Trópico em LTE tem foco em áreas não cobertas, operando como serviço limitado privado de forma independente das operadoras", afirma Paulo Cabestré, presidente da Trópico.

Embora alguns projetos estejam sendo implementados de forma independente das operadoras, Adriana Viali, diretora executiva de Oi Soluções, vê o movimento como uma oportunidade para futuras parcerias e captura de novo tráfego, cessão de espectro no mercado secundário, compartilhamento de infraestrutura e ofertas de serviços gerenciados. Para ela, as redes privadas assumirão, em pouco tempo, papel fundamental na complementação de cobertura e prestação de serviços.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 24/07/2020



**SERVIÇO GEOLÓGICO
DO BRASIL - CPRM**

MME DETALHA PROGRAMA "MINERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO", A SER LANÇADO PELA PASTA PARA IMPULSIONAR O SETOR MINERAL

O Ministério de Minas e Energia (MME), por meio de seu secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral, Alexandre Vidigal, deu detalhes sobre o programa Mineração e Desenvolvimento (PMD), proposto pela pasta para alavancar o setor de mineração brasileiro. A apresentação foi feita durante entrevista ao

canal do YouTube da revista Brasil Mineral, na tarde desta quinta-feira (23). De acordo com o secretário, o programa deve ser lançado no mês de agosto.

De acordo com Vidigal, o PMD, que vem sendo trabalhado desde o ano passado e que está sendo apresentado aos diversos agentes, tanto do setor público como do setor privado e que atuam ou têm interesse pela mineração, é um compromisso e uma agenda do governo com o setor. “O objetivo é impulsionar o desenvolvimento do setor mineral brasileiro”, disse Vidigal, ao falar do programa, que contempla 108 metas bem determinadas e ações em dez áreas de concentração temática para a mineração para o período de 2020 a 2023.

“A mineração precisa receber alguns impulsos e o governo está trabalhando em função disso”, declarou o secretário, que ao longo da entrevista também falou sobre ampliação do conhecimento geológico, linhas de crédito para o setor, mineração em áreas de fronteiras e reservas indígenas, agilização de outorgas de novas áreas para exploração mineral, título minerário como garantia e atração de investimentos, combate às práticas ilegais e mineração sustentável.

Segundo Vidigal, o programa também busca aumentar a segurança jurídica, de modo a atrair investimentos, inclusive, do exterior, para projetos nessa área, e consolidar a mineração como parceiro do desenvolvimento sócio-econômico-ambiental, principalmente nos municípios mineradores e nas regiões do entorno.

Conhecimento Geológico: Vidigal informou, ainda, que há cerca de cinco anos, não se produzia resultado apropriado para o conhecimento geológico do Brasil. “O conhecimento geológico precisa ser acompanhado pela pesquisa mineral, que é a depuração do conhecimento. A pesquisa é muito dispendiosa, mas se o país não oferece oportunidades para que essa linha de frente também avance, ocorre um hiato. Precisamos de um esforço concentrado para que essas duas linhas de atuação trabalhem em conjunto”, afirmou o secretário.

O PMD traz como uma de suas metas esse estímulo e contribuição para que o setor da pesquisa mineral se desenvolva ainda mais. A possibilidade de oferta de linhas de crédito e de financiamento de estímulos, no sentido de que o estado precisa ser colaborativo e contributivo na geração de riqueza para que essas empresas possam executar seus papéis.

[Assista à entrevista na íntegra](#)

Fonte: CPRM

Data: 24/07/2020



GOVERNO DO AMAPÁ CONCEDE SELO SUSTENTABILIDADE PARA A MINA TUCANO

A Mina Tucano, produtora de ouro localizada a cerca de 200 km de Macapá (AP), recebeu o Selo Sustentabilidade, do Programa Tesouro Verde. Trata-se de uma credencial do Governo do Estado que atesta empresas, indústrias e comércios que adotam boas práticas socioambientais e de gestão. O programa tem visibilidade internacional, estando alinhado com a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Acordo de Paris, implantado como uma forma de transformar o Amapá em um símbolo de economia sustentável da Amazônia.



“Somos uma empresa ambientalmente responsável, seguindo as melhores práticas em preservação de florestas naturais, emissão de carbono, manutenção da fauna e da flora, gestão de recursos hídricos, entre outras ações. Integrar o Tesouro Verde é uma honra e uma confirmação de que nosso trabalho tem gerado importantes

resultados para o meio ambiente e a sociedade como um todo”, diz Fabio Marques, Diretor de Operações da Mina Tucano.

Pâmela Pádua, Diretora Institucional (Chief Development Officer) da BMV, instituição que faz a gestão do programa Tesouro Verde, confirma: “A Mina Tucano, ao adotar a certificação do Tesouro Verde, investiu na proteção de florestas nativas públicas e privadas e apoia o desenvolvimento de comunidades no Estado do Amapá, estando em conformidade com as diretrizes internacionais de sustentabilidade e governança socioambiental”.

A ação tem, ainda, uma finalidade econômica. Para o Estado, há a receita pelos serviços de conservação dos parques, por meio dos Créditos de Floresta de sua titularidade. Cada empresa adquire estes créditos de áreas privadas para cumprir sua “pegada ambiental”, que leva em consideração critérios como: geração de resíduos, consumo de combustível e de energias. O processo está disponível em plataforma eletrônica online, acessível a todos pelo link www.plataformatesouroverde.com.br, com sistema seguro e transparente de certificação com registro em blockchain.

Com isso, cria uma rede colaborativa para incentivar e retribuir o consumo dos recursos naturais pelas atividades econômicas, estimulando o empreendedorismo local, a sustentabilidade e instituições ou produtores rurais que possuam unidades de conservação e áreas preservadas em suas propriedades, ao se integrarem à plataforma Tesouro Verde, também como fornecedores do produto da agricultura de conservação de florestas nativas, o Crédito de Floresta.

“Além de representar um importante reconhecimento, de ordem mundial, também permite maior solidez e segurança, por meio de incentivos fiscais e facilidades para obtenção de crédito”, explica Ivo Gama, Coordenador de Controladoria, um dos responsáveis por esta conquista. “Esse é um reconhecimento do trabalho que já vínhamos realizando na implantação do projeto, e será o primeiro passo para adquirir outras certificações”, conclui Raimundo Rocha, Coordenador de Meio Ambiente.

Sobre a Mina Tucano

A Mina Tucano é uma das maiores minas de ouro a céu aberto no Brasil, localizada a 200 km de Macapá, no Amapá. Empresa listada na Bolsa de Valores de Toronto é subsidiária da Great Panther Mining Limited.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 23/07/2020



PRODUÇÃO CRESCE 5% NO TRIMESTRE

A Vale registrou produção de 67,6 milhões de toneladas de finos de minério de ferro no segundo trimestre de 2020, um crescimento de 5% na comparação com o mesmo período do ano passado. Apenas em junho, a mineradora produziu 25,1 milhões de toneladas, um aumento de 23% em relação à média dos cinco meses anteriores. O S11D atingiu um run-rate de 91 Mtpa em junho, que provavelmente melhorará na segunda metade do ano, em direção a uma produção anual ligeiramente acima de 85 milhões de toneladas. No entanto, a produção da Vale foi afetada em 3,5 milhões de toneladas no trimestre principalmente pelos impactos da COVID-19; eventos não recorrentes, como manutenção de correias transportadoras de longa distância no S11D, com um impacto negativo de 2,1 Mt; (c) a parada prevista da mina de Fazendão em fevereiro, devido ao esgotamento da área de mineração licenciada, planejada para reiniciar as operações durante o terceiro trimestre, com uma produção média mensal de 400 mil toneladas no restante do ano.

O guidance da Vale para a produção de finos de minério de ferro em 2020 permanece inalterado em 310-330 milhões de toneladas, assumindo que a extremidade inferior do guidance é o cenário mais provável. Os marcos para alcançar o guidance incluem: (a) produção próxima a 200 Mt em 2020 no Sistema Norte, que inclui a produção na Serra Norte próxima ao 2S19, um sólido desempenho no S11D e o reinício da Serra Leste; (b) melhorias operacionais no Complexo de Itabira, que foi impactado por manutenção no 1T20 e pelo COVID-19 no 2T20; (c) a retomada do site de Fazendão no 3T20.

O guidance da Vale para produção de pelotas em 2020 foi revisado de 35-40 Mt para 30-35 Mt, devido principalmente: (a) a ajustes de produção que refletem a disponibilidade de pellet feed no site de Itabira; (b) ao adiamento da retomada da planta de pelotização de Vargem Grande para 2021; (c) à menor demanda do mercado. O volume de vendas de finos de minério de ferro e pelotas, com um prêmio de US\$ 7,5/t, atingiu 61,6 Mt no 2T20, 8% abaixo da produção, principalmente devido ao lead time de logística entre produção e vendas CFR, com parte da produção do 2T20 em movimento para venda no próximo trimestre.

A produção de níquel acabado atingiu 59,4 kt no trimestre, principalmente devido ao forte desempenho nas refinarias do Atlântico Norte; ao aumento da produção nos sites de Matsusaka e PTVI após manutenção de rotina no primeiro trimestre de 2020, compensada pelo menor minério de origem indonésia processado em Clydach; à maior produção de minério de origem em VNC. A produção de cobre atingiu 84,5 kt no trimestre, principalmente devido

aos impactos do COVID-19. O negócio de cobre está no caminho de atingir o guidance de produção de 360-380 kt previsto para 2020, com um desempenho mais forte esperado no segundo semestre nas operações do Atlântico Sul, devido ao final da estação chuvosa no Brasil e à retomada das operações de Voisey's Bay.

Revisão das projeções para minério e pelotas

A Vale atualizou em seu relatório de produção e vendas do segundo trimestre de 2020 as projeções para produção de sua operação de minério de ferro em S11D. Inicialmente prevista para 90 milhões de toneladas, o projeto no Pará deve produzir 85 milhões de toneladas neste ano. Já produção de pelotas – inicialmente projetada entre 35 e 40 milhões de toneladas – foi revista para algo em torno de 30 a 35 milhões de toneladas para 2020.

A mineradora comenta que as novas projeções são uma mera estimativa, dados hipotéticos que de forma alguma constituem promessa de desempenho por parte da Vale e/ou de seus administradores. As projeções apresentadas envolvem fatores de mercado alheios ao controle da Vale e, dessa forma, podem sofrer novas alterações.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 22/07/2020